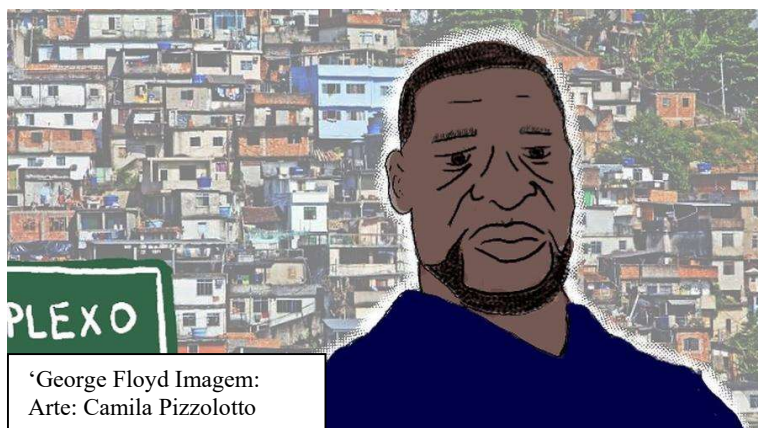


Editorial

A linguagem sufocada

Quando um negro é impedido de respirar por causa do joelho de um policial branco que comprime seu pescoço são as vias respiratórias da humanidade que são sufocadas em um cenário de horror expresso pela linguagem de um homo sapiens que não é reconhecido como tal, pela cor da pele. Junto com o racismo, o autoritarismo, o fascismo e a arrogância narcisista dos que detêm algum tipo de poder passam a ser alvo da revolta dos que não querem mais continuar sendo subjugados.

Segundo Yuval Harari, autor do best-seller “uma breve história da humanidade”, o homo sapiens tornou-se a única espécie humana existente nesse planeta quando deixaram a África e chegaram à Europa e ao leste da Ásia há 70 mil anos. Os sapiens eliminaram os neandertais e conquistaram o mundo, no curto período em que conviveram. A história do homem continua em aberto, com várias passagens ainda não esclarecidas ao longo de nossa civilização. Entretanto, um aspecto de grande relevância foi trazido à tona pela neurociência no que tange ao papel fundamental da linguagem no desenvolvimento da nossa espécie. Sabemos hoje que a supremacia do homo sapiens sobre outras espécies se deu acima de tudo graças à sua linguagem única. O que distingue o humano de qualquer outra espécie é a capacidade da linguagem. As habilidades linguísticas básicas de nossa espécie foram determinadas por mutações genéticas acidentais que mudaram as conexões neurais do cérebro dos sapiens possibilitando que pensassem de uma maneira sem precedentes e se comunicassem usando um tipo de linguagem totalmente novo. O que distingue o humano de qualquer outra espécie é a capacidade da linguagem. As habilidades linguísticas básicas de nossa espécie foram determinadas por mutações genéticas acidentais que mudaram as conexões neurais do cérebro dos sapiens possibilitando que pensassem de uma maneira sem precedentes e se comunicassem usando um tipo de linguagem totalmente novo. O que distingue o humano é isso, é a capacidade de registrar simbolicamente alguma coisa e comunicar simbolicamente alguma coisa sobre sua vida e o seu meio. O



‘George Floyd Imagem:
Arte: Camila Pizzolotto

desenvolvimento dessa capacidade cognitiva ímpar dos sapiens permitiu o surgimento de habilidades cognitivas insuperáveis por nenhum outro animal. Isto tudo para dizer que quando não dispusermos de mais nada ainda teremos a linguagem como forma de expressão, nem que seja

para avisar que não conseguimos mais respirar.

Muitas atrocidades já foram cometidas ao longo da história para fazer valer a dominação de um povo sobre outro, de uma maioria sobre as minorias ou de uma ideologia sobre outras formas de pensar. Em todos esses embates os opressores e os subjugados tinham nome e sobrenome. O que estamos assistindo hoje é um cenário em que os negros se revoltam contra a injustiça, os desmandos e agressões dos instrumentos de poder em um movimento que não é mais de um país, mas de todo planeta para dizer olho no olho que não aceitam mais este desvario que surge de uma supremacia autodeclarada de uma raça sobre outra que sufoca os negros, os pobres, os que foram lançados para fora de um sistema dominado pelos afortunados que detêm o dinheiro e o poder. Segundo a filósofa política Djamila Ribeiro o racismo estrutural está escancarado no Brasil; a cor de quem tem o poder é branca e de quem faz a segurança ou a limpeza é negra. É este racismo estrutural que está subjacente a toda a forma de protesto a que estamos assistindo neste momento em busca da justiça e de uma vida digna para os pretos, os pobres e os discriminados socialmente. Somos todos George Floyd, João Pedro, Marielle Franco.

A história da raça humana atual revive em preto e branco a nossa história de racismo e violência. Tivemos 300 anos de escravidão, que está na base do racismo social prevalente nos dias de hoje nos EUA, no Brasil e no mundo. Temos uma população afrodescendente no Brasil muito mais pobre que o resto da população porque nossos antepassados, quando acabou a escravidão, foram largados à sua própria sorte, sem qualquer reparação. A nossa história traz as marcas de dezenas de milhares de anos de sofrimento, dor, guerras e epidemias. Há 80 anos fomos jogados na aventura nazista pela encarnação do que de pior a humanidade já produziu nos últimos tempos. Neste momento o ideário nazifascista ressurgiu com força fomentando a pandemia do coronavírus e dizimando as classes desprotegidas e dos mais miseráveis. Se continuarmos a só observar e não atuarmos fazendo frente aos ataques à democracia, todos sabemos onde essa história vai dar por obra de psicopatas que semeiam o ódio e o medo na população.

A pandemia da covid-19 está matando os negros, os índios e os desvalidos, renegados pela sociedade. Os gestos simbólicos do governo Bolsonaro de pesar aos mortos são raros e falsos porque desprovidos de atos efetivos para acabar com a pandemia. As falas contra o isolamento social, a falta de empatia, o descaso com as mortes provocadas pelo vírus encontra eco no ideário fascista que apregoa a superioridade de raça, o autoritarismo. A denúncia do racismo e a luta pela igualdade, pela libertação da população afrodescendente e dos povos indígenas é uma manifestação natural das mentes que seguem o curso evolutivo natural dos sapiens contra o discurso de ódio dos atuais dirigentes, do comportamento agressivo e da violência policial que emana do poder, e que são por ele subsidiados. A ideia de construção de um país democrático, antifascista e antirracista precisa ser alicerçada no discurso da razão, do pensamento crítico e pela nossa voz que eles não vão calar.